

O ESCOLAR E OS PRONOMES

Judith Freitas (UFBA)

I Um diálogo possível

- Ôi! — diz o escolar.
- Ôi! — diz a professora.
- Que é que a senhora estuda aí?
- Eu estou estudando a fala das pessoas, especialmente os pronomes.
- Os pronomes possessivos?
- Não, os pronomes pessoais sujeito.
- Ah! Estes eu já estudei na escola e foi rápido. Não são eu, tu, ele, nós, vós, eles?
- Mais ou menos — responde a professora.
- Mais ou menos? Eles estão na gramática e aqui no meu livro de português. Olhe! Eu para o emissor, tu para o receptor...
- Bem, eu sou seu receptor e você não diz tu quando se dirige a mim, nem eu digo tu quando me dirijo a você.
- Bem, eu uso a senhora.
- E qual o pronome que eu usei quando me referi a você, o meu receptor?
- Eu uso a a senhora e a senhora usa você, mas a gramática diz que o pronome é tu. Veja só. Um colega meu que veio do Rio Grande do Sul diz tu e a gente acha muita graça. Eu sei que no Rio Grande do Sul se diz tu, mesmo assim é engraçado.
- As variações de uma língua muitas vezes provocam esta reação. É uma forma de preconceito. Mas agora mesmo você disse: "a gente acha muita graça." Quem é a gente?
- Nós, eu e eles, os meus colegas.
- Perfeitamente. Então nós e a gente querem dizer a mesma coisa.
- Sim. Mas nós é pronome e a gente é... a gente não é pronome.
- contesta o escolar, intrigado.
- Você não usa a gente em lugar de nós? Então por que a gente não é também pronome?

— Não me diga que a gente também é pronome — diz o escolar, desconfiado.

— Na verdade, ele está na sua fala e na de seus colegas, vocês o usam sempre.

— Pois é. A aula vai começar e os meus colegas... eles estão me chamando. Amanhã ù gente se vê, ou melhor, nós nos veremos.

O escolar, durante a conversa com a professora, fica intrigado com a sua própria maneira de falar e desconfiado da gramática que estuda. Vamos ajudá-lo a esclarecer as suas dúvidas?

2 *Vamos nos informar*

As dúvidas do escolar giram em torno do uso de **você**, **tu**, **a senhora** e também de **nós** e **a gente**. Duas destas formas são classificadas pela gramática normativa como pronome pessoal (**tu** e **nós**), **você** e **a senhora** como pronome de tratamento e **a gente** só aparece mencionada como equivalente a **nós**, mas nunca classificada.

Para ter uma visão exata do descompasso entre o uso da língua, a percepção deste uso e o texto das gramáticas normativas, há que levar em conta a observação de J.Cl. Corbeil, apud MATTOS e SILVA (1995: 9):

“O paradoxo de uma língua de grande difusão é de integrar a variação ao mesmo tempo em que respeita a norma unificadora. O paradoxo parece resolver-se mais facilmente no exercício da língua pelos locutores do que nas reflexões daqueles que falam sobre isso oficialmente”. (CORBEIL, JC-L., 1972 : 301).

A língua sofre variações e seus falantes as incorporam. No caso da gramática normativa, não há dúvida que seus bons autores registram muitas destas informações, sem, contudo, incorporá-las ao seu texto.

Reunamos algumas informações sobre os pronomes pessoais sujeito que constam, por vezes assistematicamente, destas gramáticas e de outros livros.

2.1 *Tu, você, o senhor*

Sobre o pronome pessoal sujeito **tu**, o único que figura como forma de expressão do receptor nas gramáticas e livros didáticos, consta em CUNHA & CINTRA (1985: 284):

“No português do Brasil, o uso de **tu** restringe-se ao extremo sul do País e a alguns pontos da região norte, ainda não suficientemente delimitados.”

Você e o **senhor** são assim classificados por estes mesmos autores:

“Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: **você, o senhor, Vossa Excelência**. Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª pessoa), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa.” (Op. cit. p. 282).

Apesar de se reconhecer que estes pronomes “valem por verdadeiros pronomes pessoais” a forma **você** continua fora do quadro destes pronomes nas gramáticas normativas e livros didáticos em geral, exceção feita ao de MAGDA SOARES (1982: 130) que inclui nesta lista **você** e **vocês**.

E quando esta autora apresenta o inventário destes pronomes, assim o faz:

1ª pessoa	Singular / EU	Plural / NÓS
2ª pessoa	Singular / TU	Plural / VÓS
	Singular / VOCÊ	Plural / VOCÊS
3ª pessoa	Singular / ELE, ELA	Plural / ELES, ELAS.”

Ela se baseia no próprio CELSO CUNHA:

“**Você** foi considerado pronome de 2ª pessoa pois assim é empregado em quase todo o país: seria desconhecer a realidade lingüística brasileira insistir-se em classificar **você** como pronome de tratamento, que já não é, e negar-se de reconhecê-lo como pronome de 2ª pessoa mais amplamente usado no Brasil. As modernas gramáticas brasileiras já reconhecem este fato. Veja-se, por exemplo, Celso Cunha, *Gramática de Base*. (Rio de Janeiro: FENAME, 1978. p.172-173).” (Op. cit. p. 129)

Registra TEYSSIER (1982: 72) que “até por volta de 1500, o português conhecia, como o francês, apenas o tuteamento familiar e o vozeamento respeitoso.” e adiante:

“O ocê familiar aparece desde o século XVIII.” (Op. cit. p. 72)

Não é recente o aparecimento da forma ocê, o que dá idéia da dificuldade de uma gramática normativa incorporar este uso.

Os dicionários chegam a registrar claramente o valor atual de ocê mas não modificam a sua classificação, buscada, evidentemente, nas gramáticas.

Encontramos:

s.v. “ocê (De vosmecê < vossemecê < Vossa Mercê) Pron. de Tratamento.” (FERREIRA, 1986).

No entanto, logo a seguir, neste mesmo dicionário, encontramos:

s.v. “ocês Pron. pess. Além de seu emprego como plural normal de ocê, apresenta as seguintes peculiaridades (...)”

ocê é pronome de tratamento e ocês classificado como pronome pessoal. A mudança se anuncia neste tipo de texto.

Mesmo em um dicionário mais recente encontramos:

“OCÊ pron. Contr. de Vossa Mercê; pronome de segunda pessoa do singular, usado com o verbo na terceira pessoa; forma de tratamento não cerimoniosa entre duas pessoas iguais ou de superior para inferior.”(KOOGEN & HOUAISS. 1995: s.v.)”

Já o verbete tu apresenta a classificação de “pron. pess.” não de pronome de tratamento, como acontece com a forma ocê no dicionário de Aurélio ou simplesmente pronome como é classificado no KOOGEN & HOUAISS.

2.2 Vós

TEYSSIER (1982: 72) faz também menção da evolução de algumas das formas destes pronomes, e diz sobre vós:

“Desde o século XIX a segunda pessoa do plural sai completamente do uso falado normal.”

E adiante:

“O português do Brasil simplificou, igualmente, o código de tratamento. Como em Portugal, o **vós** desapareceu, mas o **tu** sobrevive apenas no extremo sul e em áreas não suficientemente delimitadas do Norte. Em circunstâncias normais, existem apenas duas fórmulas: o tratamento por **você**, que é familiar e o tratamento por **o senhor**, que é mais reverente.” (Op. cit. p. 86)

Já é, portanto, do conhecimento de muitos o uso restrito do **tu** a algumas regiões do Brasil, também o uso de **vós**, este já quase desaparecido, e o amplo uso de **você** e de **o senhor**.

2.3 Nós e a gente

Comprovando a resistência à modificação do texto da gramática normativa, há a forma **a gente**. CUNHA & CINTRA (1985) registram sob o título “Fórmulas de representação da 1ª pessoa”, o seguinte:

“No colóquio normal, emprega-se **a gente** por **nós** e, também, por **eu**”. (p. 288)

Pode-se empregar **a gente** no lugar de outro pronome pessoal mas há a prudência de não dar a esta forma a mesma classificação. O reflexo desta situação vem nos dicionários onde só se encontra o verbete **gente**, não **a gente**:

“s.v. **gente** (do lat. **gente**) s.f. (...) **A gente**. A(s) pessoa(s) que fala(m): **eu, nós** (...)”

Esse verbete de FERREIRA (Op. cit.) difere pouco de outros, como por exemplo:

“s.v. **GENTE** s.f. Quantidade de pessoas, povo /.../ Nós, a pessoa ou pessoas que falam.”(KOOGAN & HOUAISS, 1995. s.v.)

Estudando o processo de gramaticalização sofrido pelo substantivo latino **gens, gentis** que deu origem à palavra **gente**, OMEGA & BRAGA (1996: 82) concluem que: “é uma mudança cujo início não se pode precisar, já que só mais modernamente a expressão **a gente** é usada em determinados tipos de registro escrito. Já em 1920, AMADEU AMARAL em **O Dialeto Caipira** comenta o seu uso.”

A forma **a gente** já se gramaticalizou e é usada como pronome pessoal por grande número de brasileiros. Só se aguarda a sua inclusão no inventário destes pronomes.

Este é mais um exemplo da resistência do texto da gramática normativa a modificações. As informações até agora recolhidas, se levadas em consideração, ocasionariam uma modificação substancial, pelo menos no inventário dos pronomes pessoais em função de sujeito.

Falando sobre o português do Brasil, diz TEYSSIER (1982: 79):

“Os estudos científicos a respeito desses diversos níveis de língua (as decorrentes da variação geográfica e da variação proveniente dos níveis socioculturais em que a nossa sociedade está dividida) são ainda insuficientes. Além disso, as mutações rápidas ligadas à urbanização e à industrialização tornam a realidade actual particularmente instável.”

Logo adiante continua:

“Antes que a realidade seja definida, os nossos conhecimentos da situação lingüística brasileira revestir-se-ão de certo caráter vago e impreciso. Convém ter presente essa reserva para ler o estudo que se segue.”

TEYSSIER faz restrições a informações sobre o português atualmente falado no Brasil contidas em seu próprio livro. Ele espera uma pesquisa sobre a língua portuguesa falada no Brasil, fornecendo dados para uma descrição real do uso dos nossos falantes e que poderia estabelecer as bases para um reexame da nossa gramática.

Será que uma descrição deste tipo ajudaria a vencer a resistência aqui mencionada?

A gramática de língua portuguesa vem tendo, até agora, como base, apenas o uso escrito da língua.

3 VAMOS COMPROVAR

O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC), propõe, como se pode depreender do seu título, estudar o uso oral culto desta língua falada no Brasil, tendo entre os seus objetivos a reformulação do ensino da língua portuguesa.

Só o primeiro dos seus objetivos é exclusivamente descritivo,

“Dispor de material sistematicamente levantado que possibilite o estudo da modalidade oral culta da língua por-

tuguesa em seus aspectos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, sintático, lexical e estilístico.”

sendo que os demais registram também a sua preocupação pedagógica relativa a todos os graus de ensino, como, por exemplo, este outro objetivo:

“Ajustar o ensino da língua portuguesa, em todos os seus graus, a uma realidade lingüística concreta, evitando imposições indiscriminadas de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças lingüísticas e culturais do País.”

À descrição da língua em sua modalidade oral, segundo os objetivos NURC, se seguiria uma aplicação pedagógica dos resultados.

Constituindo um *corpus* de 1570 horas de gravações, o Projeto NURC manteve sob controle um grande número de variáveis. Uma amostra denominada *Corpus* Compartilhado, composta de 90 inquiridos distribuídos pelas cinco cidades estudadas (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) vem permitindo um estudo intercomparável destas normas.

A partir do *Corpus* Compartilhado é que foi possível construir a amostra para o estudo dos pronomes pessoais sujeito com 45 inquiridos gravados a 60 informantes. A primeira fase desta pesquisa, voltada sobretudo para o exame das variáveis sociolingüísticas e a segunda, para a aplicação pedagógica destes resultados a nível de 1º e 2º graus, podem fornecer dados para dirimir as dúvidas do escolar participante do diálogo inicial, utilizando dados da fala de brasileiros.

Em síntese, o Relatório Final do nosso Projeto “Os pronomes pessoais sujeito na norma culta do Brasil: variáveis sociolingüísticas” (FREITAS, 1994) nos informa que, no estudo do **tu** e do **você** mostrou-se atuante a variável diatópica e no de **nós** e **a gente** a variável mais significativa foi a diafásica, embora a diacrônica se mostre relevante.

A seguir serão examinados alguns destes resultados.

3.1 Tu, você e a variável diatópica

No exame das formas pronominais em função de sujeito que se apresentam o receptor, a variável que se mostrou mais significativa foi a diatópica: o **tu** é de uso esporádico nas cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. A forma lexical deste pronome, nesta amostra, ocorre uma vez em Recife e outra no Rio de Janeiro não aparecendo em Salvador nem em São Paulo. Sua ocorrência implícita se dá menos de uma dezena de vezes nestas quatro cidades. Em Porto Alegre esta forma alterna

com **você**. Ai a forma **tu** se compatibiliza tanto com as formas verbais com flexão de 2ª pessoa como as tradicionalmente ditas de 3ª pessoa.

Temos a comprovação que o **tu** é bastante usado em Porto Alegre e sabemos — e estas últimas informações não foram ainda sistematicamente pesquisadas — que é usada em outras regiões do Brasil.

3.2 O senhor e a interpretação dos dados

As formas **o senhor, a senhora, os senhores, e as senhoras**, nos informantes de nossa amostra, ocorre quase exclusivamente em Porto Alegre e sobretudo nos informantes de mais de 36 anos. Nas demais cidades estudadas só há uma ocorrência de **os senhores** em Recife, em um momento em que o informante cita uma fala sua, pronunciada em ambiente formal:

“Eu tenho a impressão que **os senhores** colocaram os seus filhos aqui neste colégio porque ainda é um dos colégios em que há um certo respeito por alguma coisa.” (RE, D2, H3)

No entanto, devemos estar atentos às circunstâncias dos inquiridos: as formas **o senhor, a senhora, os senhores e as senhoras** aparecem na fala dos que atuam como documentadores, geralmente professores jovens, quando entrevistam informantes de mais idade do que eles. Estas ocorrências não entram no cômputo dos dados da pesquisa, mas não podem ser ignoradas.

Também devemos ficar atentos ao sentimento do falante em relação a estas formas pronominais.

No Rio de Janeiro uma informante de mais de 56 anos diz a um dos documentadores:

“Aliás, eu vou dizer a você uma coisa: não me chama de **senhora** não, me chama de **você**. Ele me chama de **você**.” (RJ, D2, M3)

O pronome **a senhora**, usado como indicador de respeito, é recusado por ser selecionado especificamente para os mais velhos.

Em Porto Alegre, uma informante faixa 2 (entre 36 e 55 anos), que não faz parte da amostra aqui analisada, assim se manifesta sobre este uso:

“Bom, eu aqui na minha família... nós sempre nos tratamos por **tu**, os de casa; nunca chamei minha mãe, meu pai.

de **senhora**. Agora, o meu marido chama a mãe dele... trata de **senhora** (...). Também depende da idade que, mesmo entre os parentes, tem uns que a gente trata por **senhor** e outros não" (POA, DID, M2)

Ainda em Porto Alegre, uma mulher de mais de 56 anos assim fala, dirigindo-se às suas entrevistadoras:

"— E o que é que as meninas querem mais? Isto aqui é uma conversa informal, informal."

E adiante:

"— Eu sou contra estas entrevistinhas, mas **as senhoras** foram tão gentis..." (POA, DID, M3)

Nestes dois exemplos vemos que as pessoas em Porto Alegre podem chamar seus familiares de **tu**, os da segunda faixa etária alternam, em relação à mãe, o tratamento de **tu** ou de **a senhora**, já uma mulher da terceira faixa etária, apesar de referir-se às suas entrevistadoras como "meninas", as chama a seguir de **as senhoras**. São muitos os fatores que norteiam este uso.

Não foram computadas, nesta pesquisa sobre os pronomes, as formas que não estavam em função de sujeito. Mas é elucidativo saber que os pronomes **o senhor**, **a senhora**, **os senhores** e **as senhoras** ocorrem nos mesmos informantes em todas as cidades em outras funções.

Outro tipo de dado não computado são as formas pronominais presentes em citações. Em relação às formas em causa, elas estão presentes em quatro cidades, exceto em Porto Alegre.

Se, como resultado da fala dos informantes componentes da amostra examinada, só encontramos o uso sistemático dos pronomes **o senhor**, **a senhora**, **os senhores** e **as senhoras** em Porto Alegre, ocasionado sobretudo pelas convenções sociais que cercam o seu uso, não podemos desconhecer, para complementar estes dados, as informações laterais que podem ajudar a corrigir certas peculiaridades ocasionais da amostra ou a interpretar melhor os seus dados. Por isso eles não serão omitidos quando da construção do inventário dos pronomes pessoais sujeito para o 1º e 2º graus.

3.3 Os pronomes nós e a gente e a variável diafásica

No exame das formas pronominais **nós** e **a gente**, mostrou-se relevante sobretudo a variável diafásica, estudada a partir das diversas modalidades de texto gravadas pelo Projeto NURC: as elocuições formais

(EFs), compreendendo aulas e conferências; os diálogos entre informante e documentador (DIDs) e os diálogos entre dois informantes (D2). Do primeiro tipo esperava-se um maior grau de formalidade que nos outros dois, textos dialogados.

A forma **nós** apresenta percentual de ocorrências bem mais elevado nas elocuições formais (EFs) que nos DIDs e D2, os textos dialogados.

Ao observarmos a variável diafásica associada à faixa etária dos informantes, os resultados se apresentam bastante definidos: nas EFs gravadas a informantes da terceira faixa etária, isto é, com mais de 56 anos, há um predomínio quase absoluto de **nós** (98%), enquanto que só na primeira faixa etária, nos informantes gravados nos DIDs, o **nós** perde, e por pouco, a sua predominância (48%), isto citando apenas os percentuais extremos.

Podemos concluir, então, que a distinção feita pelos brasileiros cultos no uso de **nós** e **a gente** tem por base, sobretudo, o grau de intimidade entre os falantes ou a formalidade do ambiente em que é proferida a fala. A variável diacrônica documenta variação.

Constatamos, assim, a partir dos dados, o efetivo uso dos pronomes examinados — **você, vocês, a gente** — e as circunstâncias em que se dá o seu uso.

O elenco dos pronomes pessoais sujeito presente na aplicação pedagógica proposta a seguir provém de dados que os comprovam e do conhecimento das circunstâncias dos inquiridos que permitem melhor interpretá-los.

4 VAMOS CONSTRUIR

Que outro o diga:

“Pensamos que esta reação quanto à gramática advém de dois fatores e Perini (1985) já tratou muito bem do primeiro, ao assinalar as falhas observadas na elaboração da Gramática Tradicional (...).

O outro fator é, acreditamos, o fosso que se vem aprofundando entre, de um lado, a gramática tradicional, que se mantém à margem do desenvolvimento das pesquisas linguísticas portanto, em situação, digamos “estática” e do outro lado a acelerada dinâmica na área da linguística.” (O grifo é nosso) (LEAL, Maria Cristina. 1988: 139).

A aplicação dos resultados obtidos pela pesquisa antes mencionada ao ensino do 1º e 2º graus constitui, portanto, uma tentativa de ponte — talvez apenas uma pinguela — reclamada por Maria Cristina Leal,

citada no parágrafo anterior, entre a pesquisa sobre a língua portuguesa e a utilização dos seus resultados na melhoria da gramática pedagógica.

Vamos a esta pinguela.

O resultado deste esforço são dois manuais — assim denominados por falta de termo mais adequado — um dirigido ao professor do 1º grau e outro ao professor do 2º.

São assim intitulados:

“Os pronomes pessoais sujeito no ensino do 1º grau.

Teoria gramatical e orientação do professor.”

e

“Os pronomes pessoais sujeito no ensino do 2º grau.

Teoria gramatical e orientação do professor.”

A convicção que norteou este trabalho foi a de que o ensino do português no 1º e 2º graus pode e deve ser um desafio intelectual, algo vivo e envolvente. Tentamos deixar transparecer esta convicção no todo, mas nunca expressa literalmente.

Para produção de um texto adequado ao 1º e 2º graus tivemos que selecionar e adaptar o conteúdo teórico e pensar na forma adequada a fazê-lo chegar ao seu primeiro destinatário: o professor destes graus.

Uma advertência é feita: as informações que servem de base para estes manuais são provenientes do exame de dados oriundos da língua falada. Estes dados, de certa forma, foram somados a uma tradição escrita e as diferenças constatadas estão presentes na língua escrita, embora não as tenhamos buscado sistematicamente. Realmente, os itens de morfossintaxe — pelo menos os pronomes pessoais sujeito — não parecem ser o campo em que as divergências entre língua falada e língua escrita se acentuam.

A estrutura dos dois volumes é bem semelhante, embora seu conteúdo seja diferentemente dosado.

A teoria gramatical sobre os pronomes pessoais vem em um capítulo denominado UMA PÁGINA DO LIVRO DIDÁTICO e é estruturada nos moldes dos textos das gramáticas normativas.

O conteúdo, porém, é diferenciado: para o 1º grau os fatos novos são principalmente as mudanças no inventário destes pronomes e o entendimento do conceito de plural usado de referência a eles. No que concerne

ao 2º grau, foram acrescentados casos de indeterminação destes pronomes. Os exemplos que apoiam a teoria em um e outro, foram tomados à modalidade oral da língua, retirados do *corpus* do Projeto NURC, que forneceu a nossa amostra.

A definição de pronome, baseada nas considerações sobre a PESSOA GRAMATICAL (BENVENISTE, 1976) difere do primeiro para o segundo manual. Aquele contém uma definição que rearruma os elementos de um conceito tradicional, modificando o inventário das formas e neste, são abordadas também as formas passíveis de indeterminação.

Esta página isolada estaria perigosamente solta e possivelmente não compreendida. Por isso ela faz parte de um manual que de início apresenta um texto dirigido ao nosso "Caro Colega", o professor de 1º e 2º graus, explicando o que é uma gramática e a proposta de uma revisão da gramática pedagógica. Para que ele acompanhe bem o conteúdo subsequente, são tecidas informações sobre "A língua que falamos", a sua variação diatópica, diafásica, diastrática e outras. Dai começamos a fazer-lhe um "Convite à reflexão", reflexão que terá por objeto os pronomes pessoais sujeito, baseada sempre no uso oral da língua. Faz parte deste capítulo o diálogo que abre este artigo. Só depois são apresentados os pronomes sob a forma de "Gramática comentada", dando finalmente origem a "Uma página do livro didático" (em anexo).

Após ter garantido o conhecimento do conteúdo a transmitir, "Algumas considerações" serão feitas "Sobre o ensino da gramática" no 1º ou no 2º graus, seguidas de uma "Aula planejada".

Notas acompanharão o texto e terão, além de sua função tradicional, a de informar ao professor que queira saber mais sobre o material que tem em mãos. Versam sobre os trabalhos de pesquisa que deram origem a estes manuais e, lidas em seqüência, constituem um histórico.

5 CONCLUSÃO

Quero acreditar que, depois de ler um destes manuais, o professor do 1º ou 2º graus estará apto a resolver as dúvidas do escolar participante do diálogo que inicia este artigo e realizar um ensino consciente dos pronomes pessoais sujeito.

Assim terminam estes manuais e assim vou terminar este artigo:

"Creio que esta tentativa de aplicação de uma descrição lingüística à atualização da gramática pedagógica precisa de seus comentários, críticas e sobretudo sugestões para aperfeiçoar-se.

Conto e espero por elas "

6. Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. Problèmes de linguistique générale. Paris: Gallimard, 1966.
- CASTILHO, Ataliba T de. O português culto falado no Brasil: História do Projeto NURC/BR. In.: PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (orgs). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. São Paulo: T.A. Quiciroz/FAPESP, 1990, v.IV - Estudos
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de H. 2. Ed. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREITAS, Judith. Os pronomes pessoais sujeito na norma culta do Brasil: variáveis sociolinguísticas. Relatório ao CNPq, 1994.
- _____. Da pesquisa linguística à gramática pedagógica: uma incursão no campo dos pronomes pessoais sujeito. Relatório ao CNPq, 1996
- _____. Os pronomes pessoais sujeito no ensino do 1º grau: teoria gramatical e orientação do professor. Pronto para publicação.
- _____. Os pronomes pessoais sujeito no ensino do 2º grau: teoria gramatical e orientação do professor. Pronto para publicação.
- KOOGAN & HOUAISS. Enciclopédia e dicionário ilustrado. Rio de Janeiro: Delta, 1995.
- LEAL, Maria Cristina. Contribuições para uma gramática do texto para o ensino da língua materna. (O caso da língua portuguesa.) Cadernos de linguística aplicada. Campinas, jul-dez, 1988, n.12.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Contradições no ensino de português. São Paulo: Contexto/Salvador, EDUFBA, 1995.
- MOTA, Jacyra & ROLLEMBERG, Vera. O projeto de estudo da norma linguística urbana culta no Brasil: antecedentes e desenvolvimento em Salvador. Estudos: lingüísticos e literários. Salvador-UFBA / Instituto de Letras: ago 1991, n.11.
- OMEGA, Nelize & BRAGA, Maria Luíza. A gente está se gramaticalizando? Variação e discurso. MACEDO, RONCARATTI & MOLLICA (orgs). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SOARES, Magda. Novo português através de textos 5. São Paulo: Abril, 1982. Livro do Professor.
- TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

Textos transcritos de inquéritos do projeto NURC.

- CALLOU, Dinah (org). Linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo. v.I - Elocuções formais. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico/UFRJ, 1991.
- CALLOU, Dinah & LOPES, Célia Regina (orgs). A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo. v. II - Diálogo entre informante e documentador. Rio de Janeiro: Faculdade de Le-

- tras/UFRJ, 1993: v.III - *Diálogo entre dois informantes*. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, 1994.
- CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino (orgs.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo .v.I - *Elocuções Formais*. São Paulo: T.A.Queiroz, 1986; v.II - *Diálogo entre dois informantes*. T.A.Queiroz, 1987.
- MOTA, Jacyra & ROLLEMBERG, Vera (orgs.) A linguagem falada culta na cidade de Salvador. v.I - *Diálogos entre informante e documentadores*. Salvador: UFBA, 1994.
- PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (orgs.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. v.III - *Entrevistas (Diálogos entre informante e documentador)*. São Paulo: T.A.Queiroz, 1988.

ANEXO

UMA PÁGINA DO LIVRO DIDÁTICO DO 1º GRAU

— Os pronomes pessoais sujeito —

1 - Definição e listagem

Os pronomes pessoais sujeito são **eu, você, tu, o senhor, a senhora, ele, ela, nós, a gente, vocês, vós, os senhores, as senhoras, eles e elas**. Eles representam as pessoas do diálogo (**eu** = emissor, **você, tu, o senhor e a senhora** = receptor) ou substituem formas nominais anteriormente mencionadas (**ele, ela, eles e elas**). **Nós, a gente, vocês, vós, os senhores e as senhoras** podem combinar estas duas possibilidades.

Portanto os pronomes pessoais sujeito são:

eu	nós, a gente
você, tu	vocês, vós,
o senhor, a senhora	os senhores, as senhoras
ele, ela	eles, elas

Em algumas regiões do Brasil, como, por exemplo no Rio Grande do Sul, se usa o pronome **tu** ao lado de **você**. O pronome **vós** é raramente encontrado, aparecendo às vezes principalmente em textos antigos e na linguagem religiosa, enquanto que **tu, você e vocês** podem comutar, a depender do grau de formalidade do diálogo, com **o senhor, a senhora, os senhores e as senhoras**.

2 - Significado destes pronomes

Os exemplos utilizados são tomados à fala de brasileiros naturais das seguintes cidades: Recife (RE), Salvador (SSA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (POA).

eu - a pessoa que fala, o emissor em um diálogo.
Ex.: "Mas **eu** não tenho problema de dinheiro" (RJ) (**eu** = o emissor)

você, tu, - a pessoa com quem se fala, o receptor em um diálogo.

**o senhor,
a.senhora**

Ex.: "Você sabe que eu nunca tive dificuldade com dinheiro inglês?"
(RJ) (**você** = receptor)

• "Por que **tu** disseste que achas que ali entra a compreensão?"
(POA) (**tu** = receptor)

• "—**O senhor**, como foi professor, deve ter notado isso, não é?"
(POA) (**o senhor** = receptor)

• "— Mas lógico! A **senhora** acha que pensar não é aproveitar o tempo? Ah, bueno!"
(POA) (**a senhora** = receptor)

ele, ela

- a pessoa de quem se fala, a que está fora do diálogo, o outro, a outra.

Ex.: • "— Araci não é paulista.

— Mas **ela** fez o curso aqui.

— **Ela** veio para São Paulo fazer a Escola de Arte Dramática aqui, mas **ela** é de Mato Grosso. Agora o Juca de Oliveira, **ele** fala feito um caipira do interior do estado." (SP) (**ele, ela** = o outro, a outra)

**nós,
a gente**

- combinação variada entre emissor, receptor e outro(s).

As combinações possíveis são:

1) emissor + receptor

Ex.: • Diálogo entre mulher e marido:

• "Mas você deve se lembrar que **nós** saímos para jantar e **nós** ficamos rodando por toda a parte." (RJ)

• "A **gente** falou ainda há pouco do Mobral" (RE), lembra um informante ao seu receptor.

2) emissor + receptor + outro(s)

Ex.: "Eu acho que tu estavas junto com Manabu Mabe e **nós** fomos comer junto com o Corona quando **nós** fomos naquele restaurante." (POA)

3) emissor + outro(s)

Ex.: • "Nesta viagem que eu fiz com a minha mulher, **nós** fomos comer um sururu naquela lagoa negra." (RJ)

• "Eu e minha mulher, **nós** costumamos ir ao cinema assim umas duas ou três vezes por mês. A **gente** escolhe os filmes melhores." (SP)

Algumas vezes os pronomes **nós** e **a gente** se apresentam com conteúdo menos definido, chegando mesmo a ser amplo, difuso.

Ex.: • "Aqui em Recife, **a gente** tem mais facilidade de comer mesmo a lagosta." (RE), quando ao emissor se juntam outras pessoas indiretamente mencionadas.

**vocês, vós,
os senhores
as senhoras**

combinação entre receptores ou entre receptor e outro(s). As combinações possíveis são:

1) receptor + receptor

Ex.: • “*Engraçado que a gente morre de nojo de urubu, mas os filhos de urubu são lindos. Eu não sei se vocês já tiveram a oportunidade de ver. Eles nascem alvinhos, depois eles vão ficando pretos.*” (RE), diz

a entrevistada aos pesquisadores.

• “*Eu pedi a palavra e disse: Eu tenho a impressão que os senhores hotaram os seus filhos aqui neste colégio porque ainda é um dos colégios em que há um certo respeito.*” (RE)

2) receptor + outro(s)

Ex.: “– *Vocês têm que parar a obra do emissário [submarino], não é?*”

– *Qualquer vento que dá, sul, principalmente, tem que praticamente parar a obra.*” (SSA)

O pronome **você** abrange o receptor e a empresa para a qual trabalha, anteriormente mencionada.

eles, elas

- as pessoas ou coisas de que se fala, os que estão fora do diálogo, os outros, as outras.

Ex.: • “*Engraçado que a gente morre de nojo de urubu, mas os filhos de urubu são lindos. Eu não sei se vocês já tiveram a oportunidade de ver. Eles nascem alvinhos, depois eles vão ficando pretos.*” (RE)

• “*Agora é que saíram as lanchas, aquelas que eu considero ideais. Aquelas sim, elas são a jato, a jato d’água, não têm leme, não têm nada disso.*” (SSA)

Deve-se procurar o significado dos pronomes pessoais no texto ou mais amplamente no contexto em que estes são utilizados.

Os pronomes pessoais sujeito e o seu significado			
eu	emissor	nós, a gente	emissor + receptor emissor + receptor + outros emissor + outros
 você, tu, o senhor, a senhora	receptor	 vocês, vós os senhores, as senhoras	receptor + receptor receptor + outros
ele, ela	outro, outra	 eles, elas -	outros, outras

Lembrem-se de que algumas vezes os pronomes **nós** e **a gente** se apresentam com conteúdo menos definido, chegando mesmo a ser amplo e difuso.

FREITAS, Judith. *Os pronomes pessoais sujeito no ensino do 1º grau. Teoria gramatical e orientação do professor*. Capítulo 6. Texto a ser publicado.